

Cuiabá entre dois séculos: surge uma nova geração literária

Cuiabá between two centuries: a new literary
generation has emerged

*Eduardo Mahon*¹

Resumo: Na transição entre os séculos XX e XXI, da movimentação cultural em Cuiabá era intensa. Das diversas manifestações, surgiu uma nova geração literária ligada à Universidade Federal de Mato Grosso, denominada Geração Coxipó. O grupo consolidou-se ao longo dos anos e foi responsável por consolidar uma virada literária que modernizou a estética e conservou a tônica em favor das tradições locais.

Palavras-chave: Literatura contemporânea. História literária. Modernização estética. Geração Coxipó. Mato Grosso.

Abstract: In the transition between the twentieth and twenty-first centuries, the cultural movement in Cuiabá was intense. From the various manifestations, a new literary generation emerged linked to the Federal University of Mato Grosso (UFMT), called “Coxipó Generation” (Geração Coxipó). The group has consolidated over the years and was responsible for consolidating a literary turn that modernized aesthetics and retained the emphasis on local traditions.

Keywords: Contemporary literature. Literary history. Aesthetic modernization. Coxipó Generation. Mato Grosso.

¹ Eduardo Mahon é sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, no qual ocupa a 1ª Vice-Presidente, membro da Academia Mato-Grossense de Letras (Cadeira 11), da qual foi presidente (2013-2015), é advogado, escritor, pós-graduando em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação da Universidade do Estado de Mato Grosso.

Um poeta não é nacional só porque insere nos seus versos muitos nomes de flores ou aves do país o que pode dar uma nacionalidade de vocabulário e nada mais (Machado de Assis)²

Minhas primeiras considerações remetem à apresentação que a editora Maria Teresa Carrión Carracedo escreveu na contracapa da edição original de *Mil Mangueiras*, de Ivens Cuiabano Scaff:

Este livro é poesia que financiará mais poesia. É a atitude corajosa de quem “enxergou uma senda nessa mataria” e parte para uma produção alternativa em grande estilo: “*Uma maneira simples de voar*” (2006), livro que reúne a nossa prosa onírica de Ivens Scaff ao talento do artista plástico Marcelo Velasco, resultando num cenário cuiabano da maior beleza plástica e lírica. Preparem-se. É a magia da terra dos Guanás querendo invadir outros domínios. Se as grandes editoras nacionais não perceberem este vôo é porque nos querem pasteurizados. (contracapa).

Imaginando que as obras lançadas naquele período contivessem um caráter nacional, Carracedo pretendia que a obra de Scaff atingisse “outros domínios”, isto é, o mercado nacional. Como é cediço, o mercado nacional esteve e está dominado por um conjunto relativamente pequeno de grandes editoras. São elas que conseguem distribuir nacionalmente as obras publicadas, competem em concursos nacionais e, portanto, acumulam premiações de prestígio, retroalimentando a própria hegemonia.

A pretensão de Maria Teresa não foi realizada com a geração de escritores mato-grossenses da década de 80 e 90, ainda que a qualidade estética tenha se adequado a uma linguagem menos formal e rebuscada em relação às gerações anteriores. Mesmo Silva Freire teria sérias dificuldades em se tornar “nacional”, como foi o caso de Manoel

² Do polêmico artigo, assinado em 1873: “*Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade*”

de Barros, considerando a sofisticação da poética freiriana, distante do gosto popular e impensável de ser consumida pela educação pública da época. Da mesma forma que se deu com Ricardo Guilherme Dicke, entre as décadas de 60 e 70, frustrou-se a expectativa que se depositava em autores de calibre como, por exemplo, Lucinda Persona – a mais destacada e premiada de sua geração.

Enquanto a qualidade editorial em Mato Grosso igualou-se às maiores empresas nacionais pelo acesso livre às gráficas de São Paulo, restam dificuldades de distribuição. A distância dos grandes mercados, o custo tributário na distribuição nacional, além da deliberada marginalização da literatura produzida “nas periferias brasileiras”, são elementos impeditivos da descoberta de talentos nas regiões do Norte e do Centro-Oeste. Depois de Manoel de Barros, descoberto pela editora paulista Leya, não apareceu nenhum outro expoente literário mato-grossense que obtivesse circulação nacional. A “invasão de outros domínios” de Carracedo ficou adiada para a geração seguinte, provavelmente a que está se formando neste momento, com métodos diversos da antecessora.

A intensa movimentação entre os escritores, o amálgama editorial obtido por meio de publicações coletivas e individuais, o aumento da qualidade dos livros produzidos e, finalmente, o pacto com os professores das universidades públicas que facilitaram a divulgação e a distribuição, todo esse conjunto não foi suficiente para fazer despontar nacionalmente nenhum dos autores reunidos numa geração que atravessou o atribulado século XX e chegou madura ao século XXI. É provável que não só prossiga como se acentue ainda mais a “pasteurização” do público leitor que Maria Teresa Carracedo tinha receio. O início do novo século trouxe más notícias – a continuidade de uma situação que já era insustentável. O achatamento do público leitor pela falta de políticas públicas de incentivo, a excessiva carga tributária para empreendedores privados e as margens de lucro praticadas por grandes grupos livreiros inviabilizam

a circulação da literatura produzida nos Estados, fora das megalópoles do Rio e São Paulo.

São estes apenas alguns dos problemas que os escritores mato-grossenses enfrentaram para além das próprias dificuldades no interior de Mato Grosso. Essa “Geração Coxipó” venceu influências, o centralismo autorreferente de um mesmo cenário cuiabano e a hegemonia de uma estética ultrapassada. Venceu a ausência de editoras, o preconceito do público e logrou penetrar, ainda que timidamente, no interesse da crítica literária produzida pelas universidades públicas. Com a mesma plataforma – o livro – não se vislumbra nenhuma outra perspectiva que não seja a mesma da contemporaneidade. Daí que alternativas criativas e pouco onerosas, sempre ligadas ao meio virtual, podem transformar completamente o quadro atual. Os autores, inseridos no mundo virtual já não são classificados como “escritores mato-grossenses”. São os jovens identificados simplesmente de “escritores”.

A retirada da identificação geográfica não significa, necessariamente, a perda da identidade cultural, mas permite uma leitura desatrelada da costumeira relação de subordinação. Era essa a pretensão do *Palavra Aberta* (2000) – profissionalizar o mercado editorial, fomentar a escrita e o público leitor. Da interação com autores reconhecidos nacionalmente, sonhava Juliano Moreno com a impulsão dos escritores mato-grossenses. Era esse o discurso de Mário César Leite ao apresentar “*Na margem esquerda do rio*”, em 2000. Eis o mesmo sonho e a frustração de Ricardo Guilherme Dicke, lembrado por Hilda Hilst, mas não inserido no mercado nacional. Era essa a esperança de Maria Teresa Carracedo ao torcer pela maior projeção de “*Uma maneira simples de voar*” (2006), de Ivens Cuiabano Scaff.

Mas, afinal, surgiu um novo projeto literário em Mato Grosso? Antes de responder à questão, quero refletir sobre a pós-modernidade e o contemporâneo. Os escritores da Geração Coxipó são, por definição, antimodernos e esse ponto precisa ser bastante esclarecido para que não me perca no

cipocal conceitual que diz respeito ao contemporâneo.

Faço uso da expressão “antimoderno” para designar a (1) oposição ao radicalismo moderno, isto é, as crenças no racionalismo radical como método único de investigação do conhecimento; (2) o cientificismo levado às últimas consequências, capaz de promover manipulações genéticas inconsequentes; e a (3) linearidade histórica que justifica o progresso contínuo, desprezando formas ancestrais de convívio humano que não estão sujeitas à lógica da cronologia e do consumismo ocidental. Basicamente, essas três características são comuns à maioria dos escritores mato-grossenses dos anos 80 e 90, independentemente dos grupos de onde são eles egressos.

Silviano Santiago (2002, p. 257), ao comentar a poesia contemporânea, endossa Octávio Paz no mesmo sentido, ao observar que “[...] a poesia moderna, contraditoriamente, é escrita contra a modernidade, a razão crítica, o liberalismo, o positivismo, o marxismo”, preferindo o poeta o tempo presente. De fato, o progresso, para esse conjunto de escritores, é relativo. Se a mecanização da produção e a multiplicação da produtividade agrícola levar ao desmatamento contínuo e à degradação ambiental em geral, portanto, a noção do progresso é má. De outro lado, se as pesquisas científicas conduzirem à estratificação social, teorias eugênicas ou, ainda, aprofundarem a desigualdade entre os povos, a ciência é má.

Finalmente, para a geração dos anos 80 e 90, se a noção histórica desconsiderar o ponto de vista das comunidades nativas, impondo uma noção linear de evolução da sociedade, a história é má. Isso significa, noutras palavras, que a moral serve para regular as relações gerais entre a ciência e o ser humano, postulado que contraria a lógica original da modernidade. São, portanto, intelectuais antimodernos e promovem esse enfrentamento sem qualquer constrangimento.

Como explicitado na introdução, não se trata de denominá-los pós-modernos, porque não superaram a modernidade

em nenhum requisito constitutivo. De outro lado, não são contramodernos porque não rompem com a modernidade, desejando o regresso à vida desprovida de ciência. Assumem a modernidade incorporando com todas as forças a vontade de romper estética e tematicamente com o passado de um Mato Grosso identificado com o romantismo e com o parnasianismo, concentrado e defeso na Academia Mato-Grossense de Letras. Não por outra razão radicalizam na irreverência, na provocação institucional, influenciados pela rica imagética de Wladimir Dias-Pino, e pelo viés social de Ricardo Guilherme Dicke e de Teresa Albuês. Manoel de Barros vai se constituir a pedra de toque da geração com seu notório antimodernismo, ao desprezar a tecnologia para buscar uma vida simples e mágica.

O antimodernismo é o duplo do modernismo. Como afirmou Antoine Compagnon (2011, p. 16), um não sobrevive sem o outro:

Ao contrário da grande narrativa da modernidade, avassaladora e conquistadora, a aventura intelectual dos séculos XIX e XX sempre hesitou diante do dogma do progresso, resistiu ao nacionalismo, ao cartesianismo, ao Iluminismo, ao otimismo histórico – ou ao determinismo e ao positivismo, ao materialismo e ao mecanicismo, ao intelectualismo e ao associativismo, como repetia Péguy.

O que pretendia Silva Freire, por exemplo, não era recusar o desenvolvimento da cidade, mas “temperá-la” ou, como ele mesmo prefere, “filtrá-la” na piçarra, nas pedras, na terra, da tradição. Noutras palavras, Silva Freire buscava uma relação ética entre as várias comunidades que passaram a conviver simultaneamente em Mato Grosso, em pleno fluxo migratório de 60 em diante, querendo, contudo, a prevalência das “nossas coisas” (cuiabanas) nessa atabalhoada miscigenação.

Compagnon (2011) identifica algumas características do antimodernismo, nem todas elas presentes no grupo de escritores mato-grossenses das décadas de 80 e 90: a) o

pessimismo, b) a noção do pecado original; c) o sublime e a vituperação, com o reforço da crítica, argumentando que:

O antimoderno é o reverso, a cavidade vazia do moderno, seu recuo indispensável, sua reserva e seus recursos. Sem o antimoderno, o moderno cavaria sua própria sepultura, pois os antimodernos são a liberdade dos modernos, ou os modernos mais a liberdade. Recusando toda a tirania do pensamento, adotando diante de qualquer alternativa uma verdadeira atitude crítica, eles não são literária e politicamente, nem de esquerda, nem de direita. (Ibidem, p. 462).

O pessimismo com o futuro está presente na literatura mato-grossense, desde Silva Freire, aprofunda-se com a reação inflamada de Ronaldo de Castro e ganha dimensões sociais e dramáticas nas letras de Ricardo Guilherme Dicke, com o banditismo retratado. Os “forasteiros são mal-vindos”, como disse Luiz Renato, porque os nativos “cuiadanaram-se”, como escreveu Amauri Lobo. O rio, o céu, a terra foram corrompidos no sentir de Juliano Moreno, de Lucinda Persona, de Aclyse de Mattos. O empreendimento agrícola é uma máquina exploratória que consome o lavrador, na visão de Marta Cocco. O cenário nativo foi transformado negativamente, como na expressão de Antônio Sodré, Cristina Campos e Lorenzo Falcão. O cuiabano sofre com um déficit de identidade, como percebe Ivens Cuiabano Scaff, espoliado por “piratas” que sempre querem roubar a terra, na literatura de Wander Antunes. O progresso, enfim, é ilusório e quase apocalíptico na medida em que se torna insuportavelmente degradante e concentrador, pela ótica de Eduardo Ferreira e de Antônio Carlos Lima. Finalmente, o centro cuiabano será deslocado com a escrita autodenominada periférica de Luciene Carvalho.

Todo o vanguardismo da “Geração Coxipó” não deixa de ser contraditório. Se, de um lado, investe violentamente contra os padrões estéticos estabelecidos na década de 20 por Aquino e Mesquita, pauta-se na defesa da terra exatamente da mesma forma. Se combate o romantismo das

representações idílicas, idealizadas por força de uma conjuntura nacional a partir de 1870 e perenizadas em Cuiabá pelo cânone acadêmico que se perpetua, assumem uma visão pessimista de futuro e nostálgica de passado, o que não deixa de ser uma atitude igualmente romântica, senão na forma, mas no conteúdo. A valorização de elementos do folclore mato-grossense e de expressões eminentemente cuiabanas, a formação de um grupo autorreferente, a pauta ambiental comum, são instrumentos que serão usados nessa literatura de transição do século XXI.

Cristina Campos, por exemplo, no seu *Bicho-Grilo* (2016) escreve que “[...] passado é memória/ futuro é sonho” e, em seguida, “o momento?/ a fugacidade arrebatou-mo”. Bastava os dois poemas para ver que o presente é menoscabado quanto ao passado e futuro. Ao identificar o passado à memória, a autora expõe um conjunto de valores éticos que lhe são caros enquanto mira o futuro, descrito como sonho. O presente é passageiro, indigno de nota. Mas o livro vai nos revelar outro viés antimoderno perfeitamente identificado por Compagnon, o pessimismo – “o meu ver se faz aberto/ o fatal já não me engana/ pois sinto ser a raça humana/ piada que não deu certo”. Vê-se, além do pessimismo com a humanidade, a recusa pelo fatalismo histórico, pelo progresso como valor intrinsecamente positivo.

O que em Mato Grosso parece se constituir uma exceção não é a sucessão de gerações e suas contradições, no entanto. Esse movimento de jovens no enfrentamento à literatura passadista é relativamente constante no modernismo que já incorporou uma “tradição de revoluções”. Nenhuma novidade há no conflito entre uma e outra geração de Academia de Mortais fazendo troça da Academia de Letras. Essa irreverência deu-se em muitos outros movimentos literários. A novidade aqui é de outro matiz: no contato com o chegante, esse enorme fluxo de pessoas vindas dos estados sulistas e do Centro-Sul, por conta da oferta de terras no interior e de oportunidades de emprego na cidade, fez com que o nativismo cuiabano se sobressaísse ainda mais.

O olhar do “outro” sobre Cuiabá, se publicado sob os auspícios da tradição literária mato-grossense, nunca foi de estranhamento. Muito ao contrário. Domesticaram-se as insatisfações políticas de outras cidades do interior do indiviso Mato Grosso. Como já assinalado, o ingresso em qualquer das duas instituições da Casa Barão de Melgaço era tributado na adesão à visão cívica, moralista e/ou cristã. Um dos bons exemplos desse “olhar temperado” a la Gilberto Freyre dá-se na posse de Francisco Ayres na Cadeira 5 na AML. No dia 7 de setembro de 1951, foi designado para a saudação protocolar o jurista Rosário Congro. Vejamos como ele se refere a Cuiabá:

É lamentável que até o presente não tenha chegado às mais ricas e importantes cidades do nosso interior, Campo Grande e Corumbá, a influência literária desta Meca sem peregrinos, desta admirável Cuiabá, cérebro e coração do Estado.

Aqui estão as instituições culturais, e são várias, que bem alto erguem o nome de nossa terra na tradicional inteligência de seus filhos. (AYRES, Francisco. Discurso de posse na Academia Mato-Grossense de Letras. Campo Grande: Tipografia da Livraria Nossa Senhora Aparecida, 1951, p. 18).

Ayres, médico sulista, foi recebido por Congro que, após a divisão do Estado, tornou-se desembargador do Tribunal de Mato Grosso do Sul. A certa altura do discurso de recepção, o jurista faz uma referência a José de Mesquita, quando afirmava que as cidades do interior ligavam-se “solidariamente”. Trata-se de uma visão homogeneizante que encobre as notórias rivalidades para fazer de Cuiabá uma “Meca”, um centro de convergência, cuja influência irradiaria para as outras cidades. A capital era, não só o coração, mas também o cérebro. Sobrava às cidades do interior a função motora, sem sentimento e sem criatividade.

O empossando Francisco Ayres, no discurso de posse refere-se a Cuiabá como “Atenas Matogrossense”, metaforizando o esplendor intelectual da capital. Outros adjetivos grandiloquentes são usados: “princesa da selva verde”, “in-

victa capital”, “cidade da realidade e da esperança” – isso num único parágrafo introdutório (1951, p. 09). Refere-se também ao fluxo migratório, não como uma ameaça, mas como uma dádiva – “[...] hoje, como outrora, novos bandeirantes, vindos de Piratininga, do Paraná, de todo o Brasil gigante, estão semeando cidades nas terras fertilíssimas do sul, norte, leste e oeste do Estado” (1951, p. 12). Não há qualquer estranhamento, nenhuma resistência. A figura do “novo bandeirante” é saudada como fator de civilização. Prosseguindo o discurso, Ayres reafirma que:

Cuiabá foi, a seu modo, uma Cidade-Estado como centro irradiador de civilização. O ciclo do ouro iria trazer o povoamento, a agricultura e a pecuária, resumindo-se tudo a Cuiabá, cujo ritmo de vida – na expressão exata de Virgílio Corrêa Filho – compassou o desenvolvimento das localidades distantes. (Ibidem, p. 15).

O novo acadêmico identifica nos bandeirantes o que chama de “uma nova raça de gigantes”. Portanto, considerando Cuiabá como o “berço da civilização”, o médico chama os indígenas de “civilização selvagem”. Não quer, entretanto, parecer preconceituoso e esforça-se para provar que Rondon, um “descendente de índios bororo nas selvas mato-grossenses” é uma referência cívica.

Nesse diapasão, Ayres exorta à integração racial, deixando de lado quaisquer arestas. Romanticamente, eleva o tom do discurso em favor desse pacto: “Construamos um mundo só, um mundo onde todas as raças se sintam irmãs, um mundo espiritualizado e são.” É claro que nessa miscigenação racial o autor considera implicitamente que o homem branco é superior. Diz, mais adiante em seu discurso, que “[...] o cruzamento das raças foi o fator predominante que contribuiu para a absorção da população indígena e da raça negra”, garantindo que não há, no Brasil, “preconceitos pejorativos, como ainda hoje pesam em países adiantados”. A um só tempo, Ayres mascara os conflitos sociais e coloca o próprio país na condição de “atrasado”.

Essa é a única visão que temos do “sulista sobre o cuiabano”, o discurso dócil e de exaltação, uma espécie de condicionante para que o intelectual fosse aceito. A idealização romântica por anos mimetizada ecoa nos discursos acadêmicos, omitindo qualquer conflito agrário ou urbano, indígena ou migratório. Na visão dessa tradição literária hegemônica, Cuiabá está posta como centro de irradiação civilizatória para o sertão selvagem, até então inexplorado. O migrante sulista e branco, um bandeirante repaginado, cria cidades no meio da mata, sem qualquer menção à degradação ambiental ou extinção de tribos nativas. É um cenário de confiança no futuro moderno, miscigenado, de harmonia e prosperidade.

Comum seria se houvesse uma “literatura de relatos”, uma escritura dos chegantes realizada por quem aportou no distante estado de Mato Grosso. Essa epopeia foi cantada por Luiz Renato na trilogia *Matrinchã do Teles Pires* (1998), *Flor de Ingá* (2014) e *Xibiu* (2018). Mas, como vimos, o migrante está inicialmente identificado entre caminhoneiros, caixeiros viajantes e prostitutas, uma abordagem tipicamente depreciativa de “quem vê de dentro para fora”, isto é, a impressão do nativo quanto ao forasteiro ou, no mínimo, a visão de subalternidade com relação ao migrante. É bem verdade que, no romance inaugural da trilogia, o inimigo foi humanizado. Não é mais o “pirata”, nem o “oportunistas”. Tornou-se colono, isto é, trabalhador. Depois, é visto como “lavrador” por Marta Cocco, explorado pelas *tradings* e pelos bancos de financiamento agrícola. Mas, em geral, tanto uma percepção quanto a outra, deixa de dizer o que se viu aqui – a impressão do chegante quanto ao cuiabano e suas idiosincrasias quanto à terra e suas dificuldades e quanto à atividade que iria desenvolver.

Talvez essas impressões só sejam perceptíveis muito tempo depois da consolidação da geração dos anos 80 e 90, com a obra de Marli Walker, ela mesma (tal qual Luiz Renato e Marta Cocco) uma migrante que se dedica a tratar do processo de “limpeza” do Norte mato-grossense, da extração da madeira e

seus efeitos deletérios, da empresa agrícola de grande escala. Ainda assim, na profunda crítica social levada a efeito por Walker nos livros *Pó de Serra* (2006) e *Apesar do Amor* (2016), não se vê muito o que seria absolutamente natural no contato com outra cultura – o espanto, a perplexidade, esse estranhamento inicial que há na prática, mas que ainda não se faz presente na literatura. A crítica ao agronegócio é mais exata na medida em que a vivência da autora fez-se mais estreita em Sinop, completamente distante do centro cultural hegemônico de Cuiabá. O que lemos é um ponto de vista inovador, mas tão defensivista quanto a Geração Coxipó fazia no manifesto de 1986, com a curiosidade que é justamente um “pau-rodado” que se somará às lutas contra a degradação ambiental.

O que se vê na literatura contemporânea realizada em Mato Grosso é uma espécie de assimilação por força do compromisso com a cultura regional. Muito embora o migrante tenha logrado êxito em impor-se financeiramente e politicamente, tornando-se francamente majoritário em cargos políticos e na burocracia estatal, preferiu aderir às pautas intelectuais que estavam fervendo no final do século XX. Isso não significa que não haja diferenças de ponto de vista – uns mais radicais (ao mirar comunidades indígenas e tradicionais comunidades ribeirinhas), outros mais contemporizadores (preferindo olhar para o homem e seu ambiente de trabalho), mas todos implicados na defesa da terra.

Flora Süssekind traça uma trajetória cíclica para o naturalismo na literatura brasileira. Primeiro, surgiu com a fala medicalizante ao sabor positivista do século XIX; depois, retornou com o discurso economicista da década de 30, típico de um país em plena industrialização e, finalmente, repaginou-se sob a ótica do jornalismo na década de 70, fazendo dos romances verdadeiras “reportagens”, como compensação para a censura militar à imprensa. Esse “ciclo” identificado por Flora não pressupõe um retorno idêntico, apenas uma conservação do estilo básico – escrever como se dissecar, examina e fotografa. Há, no interior de um mesmo naturalismo, marchas e contramarchas:

Falar em eterno retorno ou repetição implica normalmente que se pense de imediato em morte ou impotência. Supor que acontecimentos históricos ou gestos e situações cotidianos se repitam fora do nosso controle parece jogar ao chão toda a utopia que porventura se tenha do futuro. Quando se crê em evolução, progresso ou desenvolvimento, a simples ideia de repetição ou retorno se torna intolerável. Sobretudo quando se encara o presente e o passado com desalento, a possibilidade de que eles venham a se repetir é desesperadora. A veemência com que se nega a repetição é tanto maior quanto pior for a avaliação que se faz do presente. (SÜSSEKIND, 1984, p. 61).

Em Mato Grosso acontece algo parecido, não propriamente com o estilo literário que ao longo das décadas mudou para incorporar ares modernos. O que prosseguiu como identidade foi o “defensivismo” como tônica literária e como ponto de vista. A literatura realizada pela geração dos 80/90 distancia-se muito da primeira: não tem nada de cívico, nem de moralizante, nem muito menos de sagrado, mas se aproxima do ponto de vista da defesa de Cuiabá (essencialmente) contra o esbulho alheio, contra a investida alienígena, contra as transformações repentinas. Mesmo em meio ao deboche agudo, há uma grande dose de nostalgia em meio à ironia da nova geração, há muito de paródia. Algo muito próximo do que Silviano Santiago (1978, p. 318) dizia ao afirmar que “[...] há uma permanência sintomática da tradição dentro do moderno e do modernismo”.

O texto de Silviano Santiago (2002, p. 108): “A permanência do discurso da tradição no modernismo” foi publicado, originalmente, no livro “Nas Malhas das Letras”, no seu final, é particularmente interessante, porque pode servir para alguns autores mato-grossenses dessa geração estudada:

Terminaria a nossa conversa de hoje sobre a permanência do discurso da tradição no modernismo quase sem palavras, ou com pequenas palavras, dizendo que talvez seja irremediável o fato de que,

dentro da estética da ruptura característica da modernidade e do modernismo, nas vezes em que fomos buscar o traço forte da tradição, ou até mesmo o traço pouco vincado, nos aproximamos mais e mais de uma poesia, de uma produção poética que se desliga do social enquanto dimensão do histórico vivenciado pelo poeta. Isso às vezes pode beirar – e muitas vezes beira – o neoconservadorismo.

Portanto, entre gerações nem tão distantes, assim na história, há uma visão sobre a terra que não se transformou. Pessoalmente, acredito que, malgrado as grandes transformações sociais e econômicas, a mentalidade nuclear que conduz a literatura mato-grossense ainda está irremediavelmente ligada à defesa dessa terra prometida e sagrada. Não houve tempo suficiente para observar a “fala do migrante”, suas impressões, seus conceitos e preconceitos. Ou, talvez, ela nunca venha porque vai aderir à cuiabania como outros tantos já aderiram. Isso somente o tempo poderá dizer.

Afirmar que há um novo projeto literário em Mato Grosso é polêmico. Para ilustrar ainda mais minha conclusão, vou me valer da entrevista de Lorenzo Falcão com *Santiago Villela Marques*, publicada no *Diário de Cuiabá*, edição 12580, de 1º de dezembro de 2009. Caderno DC Ilustrado:

Lorenzo: E a literatura brasileira produzida em Mato Grosso. Pode falar sobre isso? Elencar características, recorrências etc, e também mencionar autores e/ou obras que são de sua preferência?

Santiago: Certamente existe uma infinidade de gente bem mais capacitada do que eu para comentar a literatura produzida em Mato Grosso. A produção em Cuiabá dispensa comentários: são muitos os grandes autores e não vou correr o risco de omitir algum nome com uma lista. No geral, percebo maturidade suficiente para ombrear com a literatura nacional, o que me deixa muito feliz e orgulhoso do meu Estado (rs). Se eu fosse eleger uma leitura de cabeceira, dentre autores de Mato Grosso, eu apontaria Dom Pedro Casaldáliga. Talvez por um contato mais pró-

ximo que tenho desenvolvido com sua poesia, em função dos estudos na universidade, mas também pelo respeito que cultivo pela ousadia de poesia social. Uma coisa que acho curiosa é a tendência, da nova poesia em Mato Grosso, para uma linguagem mais universalista, com pouca recorrência ao elemento regional. Talvez o Mato Grosso - e Cuiabá principalmente - esteja se tornando cosmopolita. No caso de Sinop e de todo o norte do Estado, isto talvez seja ainda mais notável, uma vez que nossa cultura é mista, um “entre-lugar” cultural edificado pelo fenômeno da imigração. O importante, nesse caso, é que já aparecem alguns escritores, nesta região, com produção de qualidade, dos quais talvez fosse interessante ressaltar um grande percentual de mulheres poetas, como Marcelina Oliveira, Marli Waker e Helenice Faria, só para ficar nas que já estão produzindo há mais tempo. É bom lembrar ainda que, se o Paulo Sesar hoje escreve em Cuiabá, nós também o pleiteamos como autor sinopense.

Lorenzo: Domingo à noite, quando conversamos por telefone, mencionamos de passagem o intenso fluxo migratório que Mato Grosso vem sofrendo nas últimas décadas, coisa que repercute em nossa produção cultural. As letras de Santiago Villela passam por aí?

Santiago: Totalmente. Meu último livro de poesia, Outro, foi todo concebido como um lugar onde eu pudesse manifestar minha identidade norte-mato-grossense. Eu o escrevi quase inteiro durante um “exílio” em Araraquara (SP), para cursar o mestrado e o doutorado. Ali, distante do lugar que eu mais amava, movido pela saudade da floresta, escrevi a maior parte dos seus versos. Como disse acima, sou paulistano de nascimento e mato-grossense de criação. Sou uma identidade em trânsito, só consigo me definir pela ambiguidade. Do mesmo modo, costuma-se ouvir, aqui em Sinop, que “não temos cultura”, por causa de uma dificuldade de fixar uma tradição cultural autóctone ou ao menos hegemônica para o lugar. Acontece que nossa cultura, como eu já disse, é a de um espaço de

fronteiras, de convívio de muitas culturas. Acredito que, se pudéssemos eleger um valor ou uma imagem que sintetizasse nossa cultura, seria o do “conflito”, a da “tensão”. Somos um pouco desterrados na própria terra. Sabemos que este lugar não era nosso e foi conquistado à base de conflitos. Queremos nos sentir donos de nosso lugar e somos continuamente impedidos disso por uma espécie de errância coletiva. Por outro lado, o convívio de tantas culturas diversas impede a hegemonia: diante da cultura “estranha”, qualquer uma dessas culturas em constante contato sempre relativiza os próprios valores. Somos, assim, sempre outros para nós mesmos.

Como visto, Santiago intuiu um novo projeto literário: de um lado, o desbotamento do regionalismo com a passagem do tempo em favor de uma literatura mais cosmopolita, “ombreado-se com a nacional” e, de outro, uma outra temática até então não aprofundada – a do conflito e do estranhamento. Esse é o novo projeto literário que a geração dos 80 e 90 ajudou a colmatar. Deram, portanto, o primeiro passo rumo a uma percepção diferente do Estado, mais integrado. Não foi fácil, porém. A figura do “bárbaro”, do “invasor”, do “pau rodado” sofreu múltiplas suavizações para incorporar o elemento estranho no seio cuiabano.

Santiago Villela Marques sente-se “desterrado na própria terra”, fazendo uma conhecida referência a Sérgio Buarque de Holanda, que usou a expressão em *Raízes do Brasil*. A um só tempo, reconhece Mato Grosso como “dele” e, de outro, ainda não se aclimatou, ainda não foi completamente acolhido. Falará em nome desses milhares de órfãos de origem, consolidando o início de uma literatura heterogênea que ainda não se tinha visto. Como estudioso que foi, cita o famoso conceito de Silviano Santiago de “entre-lugar”, para se colocar nesse hiato, no fosso identitário que será preenchido com o tempo e com a produção dos novos mato-grossenses. Trata-se, portanto, de um projeto literário incompleto, ainda em marcha, mas que já deu bons passos nos últimos 30 anos.

A fala de Villela Marques ilustra o que Stuart Hall (2015, p. 52) vai denominar de “tradução”. Trata-se de um discurso novo, forjado por migrantes: não são nativos a ponto de incorporarem completamente a mentalidade da terra e nem tão estrangeiros que vivam em guetos. Com o tempo desenvolvem uma linguagem traduzida, capaz de ver a terra com maior distanciamento, sem desapegá-la, no entanto. Santiago tornou-se mato-grossense, mas não se sente completamente mato-grossense. Essa transição é bem explicada por Hall:

Esse conceito (tradução) descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias “casas” (e não a uma “casa” particular). As pessoas pertencentes a essas culturas híbridas têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural “perdida” ou de absolutismo étnico. Elas estão irrevogavelmente traduzidas.

O fluxo migratório para Mato Grosso das décadas de 60 em diante está gerando traduções não só na literatura como na própria crítica literária. Talvez comecem a se multiplicar análises críticas mais distanciadas e menos acanhadas, assim como uma literatura desapegada do *locus* cuiabano enquanto referência obrigatória. Vive-se na proximidade do

fenômeno migratório e, por isso, é cedo para afirmar categoricamente qualquer coisa sobre o futuro. No entanto, é possível supor que a segunda ou terceira geração das famílias migrantes, estes novos mato-grossenses, auxiliados inclusive pela virtualização das relações humanas, enxerguem o Estado de forma mais descentralizada e menos ufanista. Se os paus-rodados foram hostilizados, o poder encontra-se com os “paus-fincados” e será tarefa para os filhos deles, os “paus-brotados”, uma análise menos apaixonada.

Podará surgir uma nova geografia em que Cuiabá continue sendo a capital, mas não o centro hegemônico. Os mapas virtuais não contemplam fronteiras e, portanto, os jovens escritores não pagarão o tradicional tributo laudatório. Nesse sentido, em plena fragmentação identitária, Silva Freire (2015) estava certo: “cuiabania não é toponímico”. Cada vez mais os toponímicos perdem relevância e dão lugar ao sentimento de pertencimento, à sensação de acolhimento tribal, uma nova forma de se identificar, de se expressar de conviver com o outro. É com base nesses retalhos que se unirão os jovens escritores mato-grossenses do século XXI que já começam a publicar seus primeiros livros.

Referências

AYRES, Francisco. *Discurso de Posse na Academia Mato-grossense de Letras*. Campo Grande: Tipografia da Livraria Nossa Senhora Aparecida, 1951.

CANDIDO, Antonio. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: _____. *Literatura e sociedade*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nacional, 1980. p. 109-138.

_____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 5. ed. Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia: Ed. da Universidade de São Paulo, 2000. v. 2.

_____. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

_____. *Regionalismo e Modernismo*. São Paulo: Ática, 1978.

COMPAGNON, Antoine. *Os cinco paradoxos da modernidade*. 2. ed, 1ª reimpressão. Belo Horizonte: EdUFMG, 2014.

- CAMPOS, Cristina. *Bicho Grilo*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2016.
- CHIAPPINI, L. Do beco ao belo – dez teses sobre o regionalismo na literatura. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p.153-163, 1995.
- _____. Velha praga? Regionalismo literário brasileiro. In: PIZARRO, Ana (Org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial. p. _____. Campinas: UNICAMP, 1994. v. 2.
- COUTINHO, Afrânio. *Caminhos do Pensamento Crítico*. V. 1 e 2. Rio de Janeiro: Pallas, 1980.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- MENDES, Olga Maria Castrillon. Espaços Regionais, Identidades Plurais: Reflexões em torno da produção literária de/em Mato Grosso. *Revista Eco*, Ed. 010, p. _____, julho 2011.
- MORENO, Juliano & LEITE, Mário César Silva. *Na margem esquerda do rio*. Cuiabá: Via Letera, 2000.
- RONCARI, Luiz. *Literatura Brasileira: Dos Primeiros Cronistas aos Últimos Românticos*. 2. ed. São Paulo: EdUSP, 2002.
- SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: _____. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- _____. *Nas malhas da letras*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- _____. *Ensaaios Antológicos*. Seleção e Organização de Renato Cordeiro Gomes. São Paulo: Nova Alexandria, 2013.
- SCAFF, Ivens Cuiabano. *Mil Mangueiras*. Cuiabá: Entrelinhas, 1986.
- SILVA FREIRE, Benedito Sant’Anna. *Trilogia Cuiabana*, V. 2. Cuiabá: EdUFMT, 2015.
- VATTIMO, Gianni. *O fim da modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: Difel; Bertrand Brasil, 2009.

